

RODOLFO GUTTILLA

Rodolfo Witzig Guttilla, jornalista e antropólogo, é diretor de assuntos corporativos da Natura Cosméticos e presidente do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje)

Você ganhou o Prêmio Comunique-se de comunicação corporativa e o Prêmio USP de trajetória profissional. O futuro da comunicação está nesse segmento?

O Mercado de comunicação empresarial no Brasil vai ser o dobro do que é hoje em cinco anos. Mas deixará de ser um mercado corporativista. Temos que ter multiplicidade de formação e isto é o que gera riqueza de conhecimento. Ao invés de o mercado ser regido pelo corporativismo, será pela ética e por valores como a competência e o preparo profissional.

Isto significa que também vai se ampliar o campo de atuação desses profissionais?

A comunicação se constrói por complementaridade. Você ganha eficiência tanto em abrangência quanto em profundidade quando envolve comunicação interna, relações com investidores, marketing institucional, relações públicas, comunicação geral e relações governamentais. Aqui na Natura fazemos assim: atendemos a todos os públicos, exceto o consumidor final e as revendedoras.

Várias empresas estão incluindo as relações governamentais no campo da comunicação empresarial...

É com relações governamentais que os profissionais de comunicação rompem as barreiras e passam a se reportar diretamente ao board que comanda as empresas. Além da Natura, temos exemplos como o Banco Santander Banespa, com o Miguel Jorge; a Ambev, com Milton Seligman, o grupo Gerdau, com o Renato Gasparetto Júnior... O relacionamento com governos ganha grande

força com a estrutura de comunicação apoiando – em casos de empresas abertas e transparentes.

Como funciona essa atividade de relações governamentais?

O governo muitas vezes quer nos ouvir sobre políticas que ele está adotando, e a relação também se dá por ação própria de nossa parte, como, por exemplo, sobre o status legal de revendedoras autônomas, tributos, etc. Nos relacionamentos também com governos estaduais, principalmente da região Norte, onde temos áreas extrativistas. E, como estamos nos internacionalizando, temos ainda relações com o corpo diplomático de diversos países.

E como é a política de patrocínios?

A política do que apoiamos está publicada. Todos podem competir em iguais condições. E usamos uma comissão externa independente para escolher os candidatos. Em um ano, e quase mil projetos, não houve reclamações. Apoiamos projetos culturais, como os de música, e projetos de desenvolvimento sustentável – Greenpeace, Instituto Ethos... Nosso plano é fortalecer a sociedade civil.

A Aberje faz 40 anos em 2007. Quais são as atuais prioridades da entidade?

Queremos ter certificação ISO 9000 em processos gerenciais. Vamos fechar o ciclo de governança na Aberje. Além disso, vamos partir para o Espaço Aberje – um site com conteúdo de comunicação empresarial.

Qual é pauta externa da Aberje?

Vamos ter uma agenda pública, com temas como a regulamentação do lobby. Somos a favor dessa regulamentação. Penso que, quando não se tem um regulamento, vale tudo.

Como foi a sua decisão de seguir a carreira na área de comunicação empresarial?

Fui da primeira turma de *trainees* da *Folha*. Mas vi que não tinha vocação para trabalhar em redação. Então, fui com Agostinho Gaspar criar a G&A. Passei para um cliente, o Crefisul, do Citibank. Parei para fazer o mestrado [em ciência política/ antropologia], fui para a Brasmotor, onde passei seis anos, e para a Natura, onde já são mais seis.

Você tem ainda uma carreira literária...

Meu livro "Uns & Outros – 20 anos de Poesia", de 2005, foi agora indicado para o Programa Nacional de Bibliotecas Escolares. A primeira edição foi de mil exemplares e para esse programa são 32 mil. O livro "A Casa do Santo & O Santo de Casa", minha tese de mestrado sobre São Judas Tadeu, foi lançado este ano pela Landy Editora com 3 mil exemplares e metade já está vendida.

E seus planos pessoais para o futuro?

Queria fazer doutorado e voltar a dar aulas. Por enquanto, continuo com os livros... Serão mais três de poesia: um de memórias, intitulado "223" (número da casa na infância); o segundo, o "22", sobre história do Brasil; e o terceiro, sobre o autor e os outros ou diante de si mesmo, vai se chamar "2". Preparo também uma coletânea de artigos sobre a história do haikai [forma de poesia de três versos, de origem japonesa] no Brasil, que terá coisas bastante curiosas.